



**Alexandre
Bonafim**

Especial para
OPINIÃO PÚBLICA

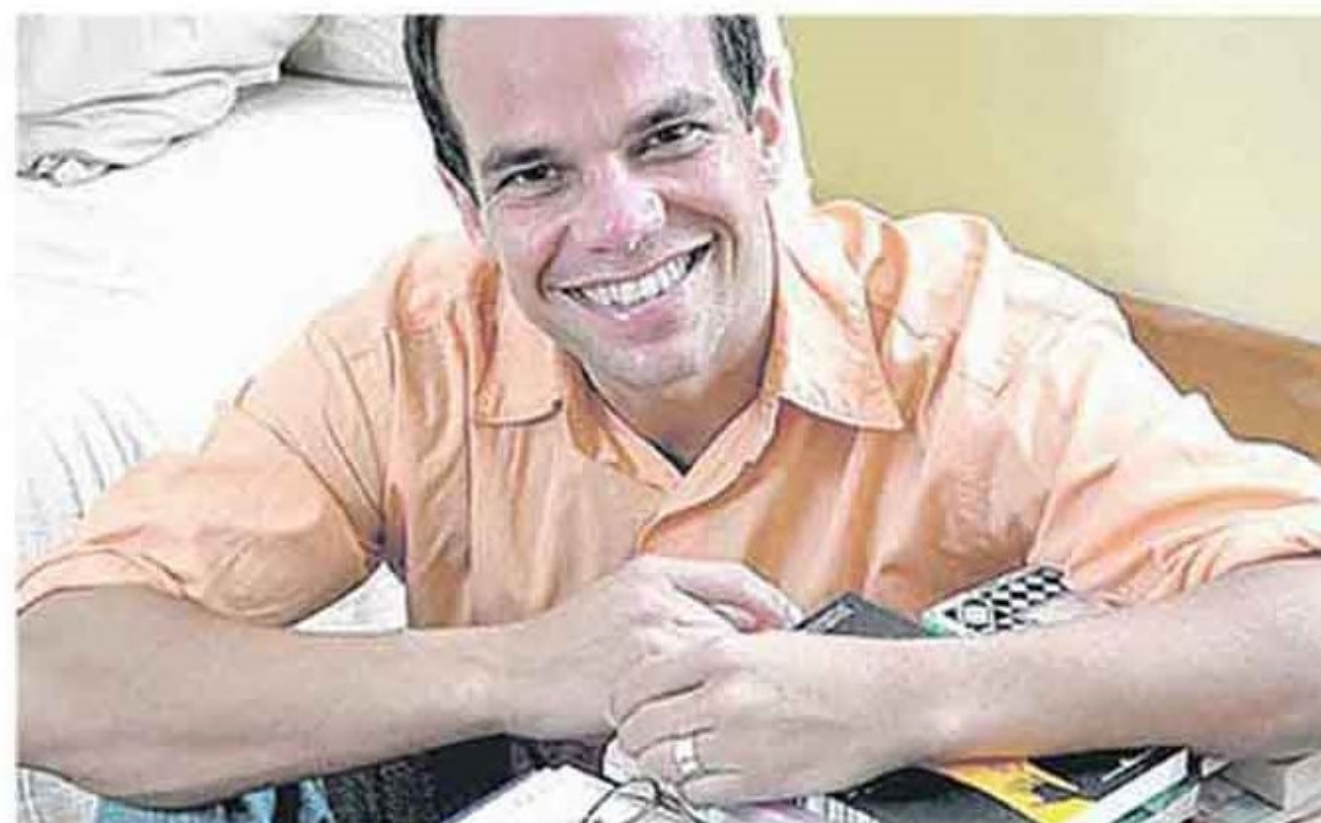
A palavra ausente de Marcelo Moutinho

Marcelo Moutinho, em *A palavra ausente* (editora Rocco), lega-nos contos cuja emoção reside na delicada artesanaria da linguagem, urdida pacientemente gestada com sabedoria e desvelo. Encontramos em tal livro, pequenas peças dramáticas, nas quais antevemos a solidão, a dor, o prenúncio da morte, pela suavidade de uma escrita que, sem temer os temas centrais de toda verdadeira literatura, desvela o terrível pela graça, a dor agudamente árdua pela palavra mais delicada. A contundência dos conteúdos dá-se pela expressão de uma linguagem sempre sutil, sublimada, capaz de aliviar o peso terrível da condição humana. Nesse aspecto, apesar do fardo da morte e de das dores, há para Marcelo uma salvação: a poesia.

Já no conto de abertura, intitulado *Água*, observamos uma cena repleta de tensão. Na trama, o filho banha o pai doente que, praticamente inerte, deixa-se guiar despido de toda defesa. Nesse verdadeiro rito de purificação, o narrador desnuda-nos a grande emoção filial, amor sem limites, sentimento fraterno em estado de vigília, de entrega, como podemos notar no seguinte fragmento: "guiada por mim, a toalha passeou: cabeça, pescoço, tronco, braços, pernas, pé. A toalha molhada explorava o corpo, sugava a sujeira. E ele permanecia imóvel, embora as mãos não pudessem deter o tremelique. Não era por causa do frio, e nós dois sabíamos" (p. 14)". A compaixão, por sua vez, ganha amplitude, quando o pai, fragilizado, expres-

sa a gratidão: "enquanto enxugava, ouvi-o dizer, bem baixinho, quase num sussurro: obrigado" (p. 15). A emoção do conto não reside apenas nesse desvelo, nessa generosidade fecunda, mas também na força catártica da expressão poética. Assim, magistralmente, o conto encerra-se com uma frase lapidar, de impacto, verdadeiro achado repleto de lirismo: "e tive a impressão de que não há como se sair limpo de um banho desses (p. 15).

Em outro conto também muito sensível, intitulado *Jogo contra*, observamos novamente o amor entre pai e filho expresso, agora, pela ótica do olhar da infância. O narrador se entusiasma com a possibilidade do pai orgulhar-se com as vitórias do filho no futebol. Todavia, o fracasso se insinua, a criança perde as partidas e, para além da condição da perda, há o amor paternal, maior, a incentivar o menino a um amadurecimento existencial. Tal maturidade, por sua vez, ganha uma conotação metafórica, quando os dois, após o término da partida fracassada, passam defronte a uma porta de vidro e contemplam seus vultos espelhados. A descoberta da finitude da vida desfecha um golpe no leitor que, surpreso pela frase de efeito que finaliza o texto, vislumbra a beleza poética, novamente, como um lenitivo para condição humana: "minha altura parecia a mesma. Pude sentir, porém, que algo de fato mudara em mim, embora não soubesse definir exatamente o quê. Algo



que mais tarde, já sob a sombra de um corpo de homem, ganhou absoluta limpidez: na imagem baça daquele vidro, o pai começara irremediavelmente a desaparecer" (p.46).

No exemplar *Dindinha*, também uma criança se depara com a fatalidade da morte, dessa vez eminente, da tia tão amada. A menina, reprimida pela mãe, ouve a sua tia, a Dindinha, aconselhá-la a não se desanimar, pois após um dia ruim, sempre vem outro melhor. A menina aprende liricamente o conselho da tia e, ao final, quando a garota contempla a sua Dindinha a definhar, sussurra-lhe ao pé do ouvido o mesmo dito de outrora: "antes de ir, Júlia voltou até a cama, aproximou os lábios do ouvido da tia e disse, sem acreditar, que depois de um dia ruim sempre vem um dia bom" (p. 105). Nesse caso, a

ironia, sabiamente utilizada, gera o impacto paradoxal da afirmação da menina, num desvelamento não de uma esperança, mas do irremediável. Todavia, se temos a revelação de uma fatalidade existencial, isso, no entanto, acontece aureolado pelo onirismo da infância e pela carga passional da emoção poética. A morte ganha, enfim, leveza.

Imprimindo emoção à flor do texto, como um sábio artesão da palavra, Marcelo Moutinho sabe que para um gênero conciso, como é o caso do conto, há a necessidade do impacto, da força intensificadora de algum clímax inesperado, para que a narrativa ganhe força expressiva. A concisão, no conto, quando aliada à contundência, ao impacto poético e inventivo, leva o texto a uma dimensão de qualidade rara e precisa.



Muitos escritores elaboram suas pequenas narrativas num destempero, numa falta de força, de expressividade, que podem levar suas histórias a um malogro. Moutinho sabe bem desse perigo e, conhecedor de sua arte, gera narrativas que, tais como lâminas certeiras, ferem o leitor, levando-o a um estado de sensibilização aguda e eloquente.

Em um mundo amorfo, de poucas emoções, tempo de indiferenças e de individualismos exacerbados, ler os contos de *A palavra ausente* é, antes de tudo, empreender um fecundo, mas também leve, lírico, aprendizado da generosidade, da beleza lírica que há no homem.

(Alexandre Bonafim, escritor, professor de literaturas de Língua Portuguesa/UEG, Campus Morrinhos, e-mail: alexandrebonafim@hotmail.com)